

ASSOCIAÇÃO RIO MIRA

1987 — 2012



A Colectiva de Férias Rio Mira
25 anos com a Quinta do Bogalho
perto de Rio Mira e Odemira,
Alentejo, Portugal

REDACÇÃO

Karin West Thomsen 151 (responsável)

Finn Gunst 69

Jørgen Lycke 193

Martin Jespersen 10

Vagn P. Andersen 106 (traduções)



Associação Rio Mira
www.rio-mira.dk
1 de Abril 2012

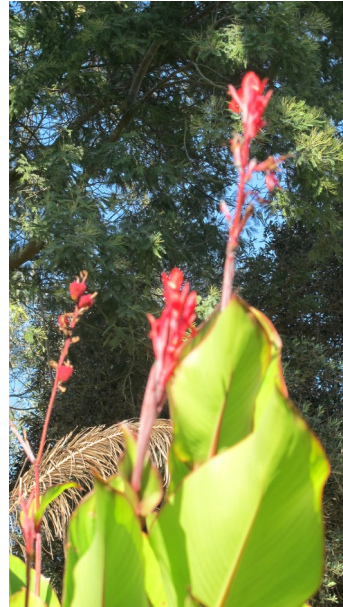
Fotos: Finn Albrechtsen 153, Finn Gunst 69, Karin West Thomsen 151, Martin Jespersen 10, Thomas Leonardo Pedersen 76, Vagn P. Andersen 106



Ao pôr-de-sol na Casa Porcos

O CONTEÚDO

A Associação	4
Estatutos	5
Um colectivo de férias	6
Estrutura da Associação	7
Mapas	8
As nossas casas	9
A fonte	10
A paisagem	11
Ovelhas na Quinta	12
Nós gostamos	13
De ser juntos	14
Curso de pintura	15
Noite de Fado	16
Alunos dinamarqueses	17
A pequena mercearia	19
O nosso vizinho	20
Um sonho do paraíso	22
Javali e Fado	26



ASSOCIAÇÃO RIO MIRA

A Associação Rio Mira, que é uma associação dinamarquesa, foi formada em 1987, havia 40 membros. Hoje é composto por 75 membros que vieram a Odemira durante estes anos.



OLE LEONARDO PEDERSEN

O pensamento decisivo do Nardo era um projecto sem fins lucrativos, um lugar onde todos, independentemente da renda poderiam estar envolvidos.



O iniciador deste colectivo de férias foi o **Ole Leonardo Pedersen**, chamado **NARDO**, que até a sua morte em 2004 era activo na Associação.

Na Quinta do Bogalho é plantado um pinheiro como um memorial para ele.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO RIO MIRA

§ 1. O nome da Associação é Associação Rio Mira.

§ 2. A sede da Associação é em Copenhaga.

§ 3. A Associação Rio Mira é um colectivo de férias sem fins lucrativos que possui e opera a Quinta do Bogalho, situado no Alentejo em Portugal.

3.2. O objectivo da associação é criar uma comunidade, fisicamente, socialmente e culturalmente, e promover as relações interculturais. A associação baseia-se à democracia básica e a participação dos membros activos, em que todos contribuem de acordo com habilidade.



O NOSSO COLECTIVO DE FÉRIAS

Haverá duas assembleias plenárias semestrais na Copenhaga, onde as grandes linhas de operação e manutenção são discutidas e decididas. Entre estas assembleias a associação ser administrada de um Grupo de administração eleita da assembleia.

Além de Grupo administrativo há uma série de grupos de trabalho para planejar e projectar edifícios, novas construções e manutenção da paisagem etc. Estes grupos estão abertos a todos os membros da associação, tudo de acordo com os seus interesses.



ESTRUTURA DE ASSOCIAÇÃO

A mais alta autoridade da Associação.

**ASSEMBLEIA
PLENÁRIA SEMESTRAL**

A administração diária

**GRUPO
ADMINISTRATIVO**

**GRUPO
DE ADMISSÃO**

Coordenação dos grupos de trabalho

**GRUPO
DE PLANEAMENTO FÍSICO**

**GRUPO DE
CONSTRUÇÃO**

**GRUPO DE
PAISAGEM**

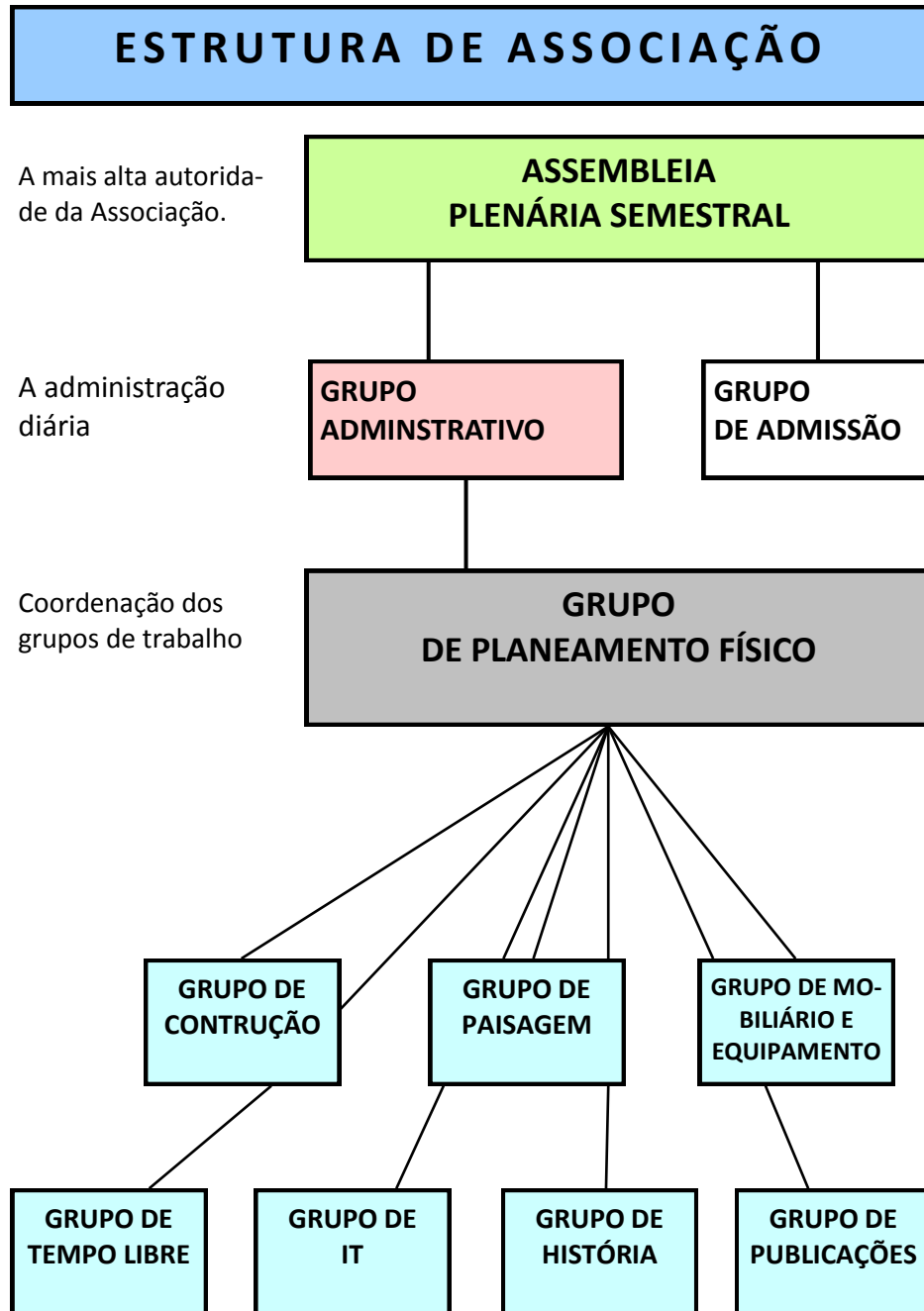
**GRUPO DE MO-
BILIÁRIO E
EQUIPAMENTO**

**GRUPO DE
TEMPO LIVRE**

**GRUPO DE
IT**

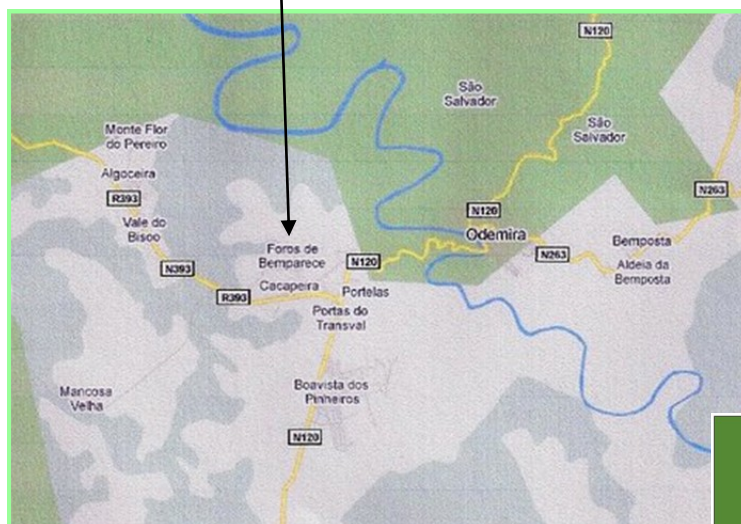
**GRUPO DE
HISTÓRIA**

**GRUPO DE
PUBLICAÇÕES**



**Aqui fica
a Quinta do Bogalho**

**E aqui é onde vivemos quo-
tidiano - na Dinamarca**



**AS NOSSAS CASAS: CASA LONGA, CASA PRINCIPAL, CASA PORCOS,
CASA PORTUGUESA, AS GALINHAS E CASA MESINHA**



Casa Longa



Casa Principal



Portuguesa e Galinhas



Casa Porcos



Casa Mesinha

A MINA – A NOSSA FONTE
onde nós e os nossos vizinhos mais próximos estão
a buscar água



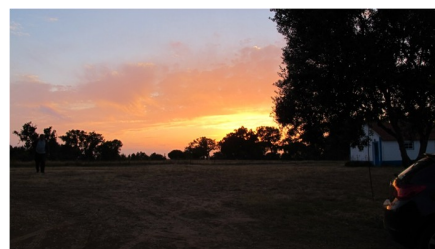
A PAISAGEM



A trabalhar



Laranjeiras e ovelhas



Ao pôr do sol

OVELHAS PASTAM A NOSSA TERRA

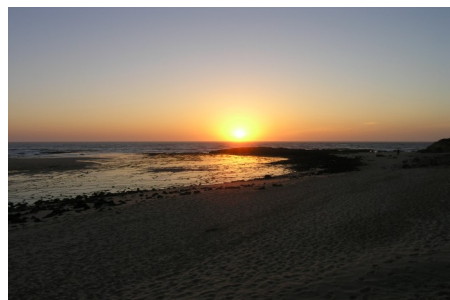


Temos um acordo com a companhia Silvino's.
Hoje é o Sr. Bruno que está a guardar as ovelhas.



NÓS GOSTAMOS :

de nadar nas praias, estar na natureza, ler livros, ver a fauna aqui, estar juntos com bons vizinhos, desfrutar dos restaurantes e as ofertas culturais, como Noite de Fado.



GOSTAMOS DE SER JUNTOS



O objectivo é que derrubar todas as varas dos adversários. A equipe que a princípio tem batido as varas será Reis de jogo.



Os jovens no campo de jogo.



Uma noite com amigos

CURSO DE PINTURA



O curso decorreu de 23 de Fevereiro até 3 de Março 2011.

Noite de Fado na Quinta do Bogalho



Francisco Fialho



Tiago Santos



**Pela primeira vez na
Quinta do Bogalho
Março 2011**



António Rodrigues e
na guitarra Carlos Silva

VISITA DUMA ESCOLA DA DINAMARCA

A estadia duma turma dinamarquesa com alunos de 14 e 15 anos na Quinta do Bogalho, em Outubro 2011, e a sua visita à Escola Básica 2, 3. Eng.º Manuel Rafael Amaro da Costa, em S. Teotónio com a Sra. Professora Anabela Candeis Silva.



Aula de inglês



Aula de desporto

Visita ao Moinho de Odemira



Estão a ver o DVD feito da turma portuguesa

A PEQUENA, MAGNÍFICA MERCEARIA LOCAL..

Tornei-me membro da Ass. Rio Mira Rio em 1988, mas não até 1990 tivemos a oportunidade de visitar o lugar. Naquela época, existia uma pequena mercearia perto da entrada da Quinta. Havia apenas 300 passos da Casa Principal para o local onde se podia comprar quase tudo. A nossa primeira compra foi depois de um longo dia de viagem, estávamos cansados e foi muito quente. Decidimos por frango congelado, um pouco de arroz, uma boa garrafa de vinho - mas onde estavam todos os legumes frescos. Não, a mulher sacudiu a cabeça, cada vez que pedimos alface, tomate, cenoura, aipo, cebolinha, alho e tal.

A proprietária simpática observou os nossos olhos cansados, e então contactou os homens que pensavam que iriam aproveitar a noite tranquila. Mas não deveriam. Porque a senhora saiu fora ao deles e tinha-os a abandonar o seu lugar contra a parede. Foram mandados para a casa a os seus próprios jardins para

pegar alguns dos vegetais que pedimos. Pouco tempo depois eles estavam de volta com o desejado. Claramente tinham um amigoso e um pouco orgulhoso sorriso nos seus olhos, uma vez que nos entregaram os presentes. Os sorrisos não diminuíram nada quando oferecíamos-lhes uns Sagres fria. Sentimos muito integrados já em nossa primeira noite.

Como cortesia, eles nos contaram sobre o carro de pão que cada dia passava por 9 horas sempre com o pão duro e fresco. Foi então - agora há Lidl, que muitas vezes simplesmente passamos.....

Finn Gunst, 69



OS NOSSOS VIZINHOS, A FAMÍLIA SILVA

Durante 25 anos tivemos várias pessoas para ajudar-nos a cuidar e manter a terra e as casas, dinamiqueses assim como portugueses. A família a quem estamos o mais apegado é o nosso vizinho, a família Silva.

Leonel Nobre Alves da Silva foi contratado pela Associação, em Setembro de 1994 e trabalhou para nós até a sua morte em 10 de Maio de 2003. Temos sido muito satisfeito com o seu trabalho, e desfrutámos da amizade que foi criada entre nós e a sua família. A sua viúva, **Maria José da Silva** ainda mora na sua casa por nosso caminho de entrada. A sua filha, **Anabela Silva** estava e está por muitos anos a cuidar a nossa conta em Portugal. E o **Carlos Gonçalves Silva** foi responsável por vários grandes projectos de construção, juntamente com o Grupo da Construção da Associação. Após a morte do Leonel, comprámos os trabalhos em torno do campo do **Sr. Oliveira Conceição** e o seu filho **Hélder**. A colaboração entre eles

e o Grupo de Paisagem tem funcionado de forma muito satisfatória.

Temos sido muito satisfeito com a abertura e bondade a família Silva tem nos mostrado. A família tem ao longo dos anos sido muito importante para nós, como funcionários, mas especialmente como a nossa forte ligação com a sociedade que nos rodeia. Eles têm sido, por assim dizer, os nossos embaixadores. Além disso, têm sido bons amigos, as pessoas Maria José, Anabela, Joice, Tierri, e Carlos, Zélia e Odílio, Marta e Hélder, Oliveiros e Teresa, Alzira e Luís, Joaquim e Leanor e mais...

Vagn P. Andersen 106

Karin West Thomsen151

Presidente do Grupo História





Leonel e Maria

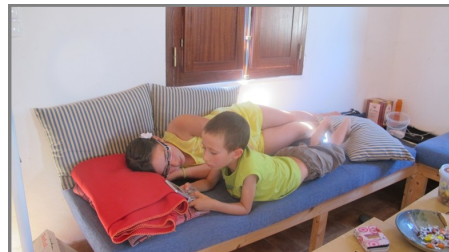


Anabela

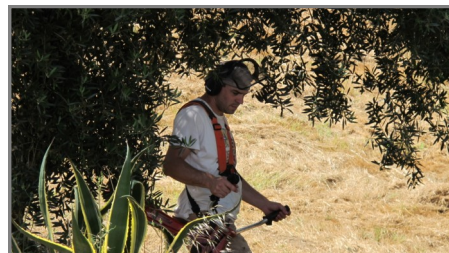


Carlos

Joice e Tierri



Oliveiros e Hélder



UM SONHO DO PARAÍSO

Iniciou como um sonho.

Um sonho em alguns jovens dinamarqueses que viviam numa comunidade. Imagine se tivéssemos uma casa e um jardim sob o sol de sul!

Alguns deles estiveram envolvidos em trabalho de solidariedade, e com grande interesse tinham seguido os desenvolvimentos em Portugal após a Revolução dos Cravos, em particular a reforma agrária com o slogan: A terra a quem a trabalha! Em Outubro de 1986, cinco

deles foram para Alentejo para ver como era realmente a situação com as cooperativas sobre as quais tinham lido. Mas todavia estavam também a procurar por uma propriedade onde poderiam realizar o sonho.

Procuraram por toda parte e examinaram muitas oportunidades, a partir de um antigo palácio real de um edifício de dois andares para baixo pelo Rio Mira e o palácio em Vila Nova de Milfontes.



Casa Porcos, anno 1986



A casa no rio em Milfontes

Mas, então, eles encontraram 'The Big Man', um maluco holandês de que gostava balbúrdia. Era conhecido da polícia, que costumava aparecer pelo menos 5 homens quando tinham que expulsar-lhe da taverna. Ele ouviu sobre o sonho do bando, e disse-lhes: "Bem, eu conheço precisamente o lugar."

O sítio era uma propriedade antiga que nessa época era muito mal mantido. O lugar chamava-se Quinta do Bogalho.

Foram lá para inspeciona-la. Ainda alguns votaram a favor da

parcela em Milfontes, mas quando o grupo ficaram baixo e detetaram a fonte e a palma, eles estavam convencido. Este deve ser o nosso lugar, declarou o promotor, o Nardo.

Agora iniciou dois processos simultaneamente. Entraram em contacto com um agente imobiliário, Sr. Jaime Amaro e declararam-se como compradores interessados da terra. O preço foi de 12 milhões de escudos. Foi convidado ao Sr. Amaro para ir adiante com a compra, e os jovens voltaram para a Dinamarca.

As pessoas estavam cientes de que o rendimento que possuíam em colectiva depois duma venda duma propriedade na Copenhaga, não foi suficiente. Realizou-se que tinha ser muita gente a comprarem. Além disso, porque desde o início se quis criar algo em conjunto que era possível comprar para pessoas com rendimentos baixos ou normais.

No dia 1 Abril 1987 encontrou-se e formou-se uma cooperativa que foi nomeada a Associação Rio Mira.

O objectivo da Associação era comprar e gerir uma propriedade para servir os membros da Associação com fins recreativos. E teve por objectivo de atingir de ser 100 membros, que todos tinham que pagar uma soma 10 000 Dkr. (igual a aproximadamente 1300 €) com uma quota e 300 Dkr. (aprox. 40 €) no trimestre para cobrir as despesas correntes. No período de 1 de Abril até 15 de Setembro foi realizada cinco grandes reuniões plenárias. Já em Fevereiro, ficou claro que se iria comprar apenas a metade da Quinta do Bogalho. Mostrava-se que na realidade a fazenda consistia em 2 parcelas: n.º 28, chamado Quinta de Eirinha custando 12 milhões de escudos, enquanto a outra metade, a área de Mesinha, que abrigava os prédios hoje chamados Porcos, Portuguesa e Mesinha, parcela 17 que custaria 9 milhões de escudos.

Um membro, o Martin Jespersen estava na fazenda em Portugal em Fevereiro de 1987. Ele havia sido autorizado pelo Sr. Jaime para acampamento nas terras. Ele também estava

empolgado com o que viu. Mas era estranho ter que jogar



Senhorio! Um título de qual não sonhava. Era socialista, mas, obviamente, membro dum grupo em processo de compra uma quinta. Mas os bons vizinhos do lugar lhe consideravam o mais por ser o possível novo proprietário em todos os casos, então ele teve que levá-la para si. Martin conta o seguinte sobre o seu encontro com os Portugueses na pequena mercearia local onde os homens sentavam-se a beber cerveja: "Comprei umas cervejas e sentou-me a beber com todos os homens que estavam lá fora da casa. Não havia muito que eu pudesse entender (não falei português), mas uma palavra continua aparecer como uma pergunta: "Água, água?" A minha namorada me empurrou e disse

que agora tinha que responder alguma coisa. Pois, usei um das poucas palavras que poderia, "Sim!" Por sorte, porque descobriu-se que as pessoas tinham perguntado se eles poderiam ainda ser permitidos a buscar água na fonte. E assim, tinha tomado a minha primeira decisão como senhorio, 'landlord', ainda sem ter comprado nada!

A associação nova tinha que ser aprovado pelas autoridades portuguesas como um comprador estrangeiro dos bens em Portugal. Aqui teve de recorrer a um advogado e, juntamente com o advogado Sr. Paulo de Pina foi escrita uma aplicação que tem como pontos principais de ter a sua intenção de continuar em agricultura e manter os prédios e fazer isso com mão-de-obra

local. E, finalmente, todo o lucro do local de operação, seria reinvestido em Portugal. Até hoje não tivemos qualquer mérito, como toda a receita foi de manter e desenvolver a Quinta. Na reunião plenária em 15 de Novembro poderia, então, saber que a Associação tinha sido aprovado como compradores, e que tinha comprado as duas parcelas com um valor de 23 milhões de escudos. Foi nesse momento 49 membros.

E o sonho tornou-se uma realidade. Os jovens tinham obtido o seu paraíso em Alentejo.

Hoje somos 75 membros. E tenham gostado a Quinta por 25 anos.

Vagn P. Andersen 106

Abril 2012



JAVALI E FADO EM RUA 5 DE OUTUBRO

Todos os anos que temos visitado a Quinta e Odemira, foi maravilhosamente obrigatório para visitar a Churrasqueira gloriosa perto do mercado antigo. A ementa varia de frutos do mar para javali português. Mas, igualmente, temos gozado a generosidade do casal. Entra-se apenas lá dentro, antes de serem colocados em um banquinho de bar e recebe um licor com o empregado da mesa e proprietário Sr. Italo. O seu dedo indicador está a apontar declaradamente ao seu um olho, como um sinal de que ele possa lembrar-nos da última vez. E assim a

conversa segue duma forma com o nosso espanhol contra o seu português, se não, por vezes, transforma-se em francês. Ele é realmente um cavalheiro bem viajado, se parece. Bem – o jantar esse dia em Fevereiro de 1998 foi, entre outras coisas, javali – e nós, escolhemos para ficar. Naquela noite, vou esquecer tarde. Como a refeição progredia, encheu a pequena sala com gente e mais tarde também com alguns músicos. E de repente algo aconteceu: A chefe e proprietária, Sra. Mimi iniciou esta noite de Fado. A sua voz era formidável e encheu a sala com



coração, dor, esperança, saudade, felicidade, e tudo o que oferta o Fado. Em seu colo estava a pequena Carolina a descansar, era a recém-nascida da sua filha, de apenas seis meses de idade. Carolina gozava a voz grande de avó durante os 45 minutos que durou. Houve cantoria, mas por outro lado foi ouvido com respeito e atenção. Como acompanhamento a Sra. Mimi tinha um

guitarrista excelente que ao quotidiano vivia por trocar de pneus em autocarros e caminhões. Quanto os seus dedos portugueses poderiam?... - um pouco de áspera, mas tanto de grande delicado.

Visite a Churrasqueira - e os anfitriões que com vontade, antes de servir, vão contar sobre as suas vidas com Fado.

Finn Gunst, 69



Casa Portuguesa e Mesinha depois da reconstrução em 2006



UM SÁBADO EM OUTUBRO